

A prática de canto coral e o desenvolvimento de habilidades sociais¹⁵

Juliana da Silva Carminatti,¹⁶ Jefferson Silva Krug
Faculdades Integradas de Taquara, Taquara-RS (Brasil)

Recibido: 15/01/2010 Aceptado: 22/04/2010

Resumen

Investigaciones previas señalan la importancia de las habilidades sociales para la adaptación de los individuos a los contextos sociales y para la satisfacción en las relaciones interpersonales. Estudios previos también presentan la práctica del canto coral como factor socializador y democrático. Objetivo: este estudio tuvo como objetivos averiguar la existencia de diferencias, o no, en el repertorio de habilidades sociales entre adolescentes practicantes y no practicantes de canto coral y la repercusión, en la opinión de los practicantes de la participación en esa actividad. Método: se utilizó la investigación cualitativa, con entrevista semi-estructurada, y la investigación cuantitativa exploratoria comparativa. Fueron entrevistados tres adolescentes practicantes de coro, y se hizo la aplicación del IHS-Del-Prette y de un cuestionario sociobiodemográfico en 100 participantes, con edad entre 14 y 17 años, divididos en dos grupos: practicantes y no practicantes de canto coral. Las entrevistas fueron transcritas y analizadas por el método de Análisis de Contenido, y los datos recolectados a través del IHS fueron tabulados y analizados con el uso del programa SPSS a través la prueba *t de student*, para muestras no pareadas. Resultados: las entrevistas mostraron que la práctica de canto coral repercute en varios momentos y contextos de sus vidas, generando sentimientos y oportunidades, además de promover el desempeño de diferentes habilidades. Los resultados provenientes de la comparación de los grupos de coristas y no coristas evidenciaron diferencias significativas en relación a la expresión de afecto positivo, que fue mayor entre coristas, y la habilidad de conversación y desenvoltura, que resultó mayor en no coristas. Conclusiones: el trabajo discute la relevancia de la temática para la Psicología Social Comunitaria.

Palabras Clave: psicología social, actividades recreativas, música.

Abstract

Previous research highlighted the importance of social skills for the adaptation of individuals to social contexts and for the satisfaction of interpersonal relationships. Previous studies also present the practice of choral singing as a socializing and democratic factor. Objective. The purpose of this study is to establish the existence of differences, or lack of them, in the repertoire of social skills among adolescents who practice choral singing, and those who do not, and its consequences, in the opinion of the participants in this activity. Method. Qualitative research was carried out with a semi-structured interview and quantitative exploratory comparative research. Three practicing choir members were interviewed, with the application of the IHS-Del-Prette, and a socio-bio-demographic questionnaire with 100 participants between 14 and 17 years of age, divided into groups of participants and non-participants in choral singing. The interviews were transcribed and analyzed using the Content analysis method, and data gathered with the IHS were tabulated and analyzed using the SPSS

¹⁵ Este artículo se deriva de un proyecto de investigación conducido en las Faculdades Integradas de Taquara (Faccat), Brasil durante el año 2009.

¹⁶ Correspondência: juscarminatti@yahoo.com.br

program by means of the *t-student* test for unpaired samples. Results. The interviews showed that the practice of choral singing has an effect at various moments in their lives, producing feelings and opportunities as well as fostering the performance of different skills. The results arising from the comparison of groups of choristers and non-choristers showed significant differences with regard to the expression of positive affect, which was higher among choristers, and the ability for conversation and feeling at ease with others, in the non-choristers. Conclusions. The study discusses the relevance of this subject for the Social Psychology Community.

Key words: social psychology, leisure activities, music.

Resumo

Pesquisas anteriores apontam a relevância das habilidades sociais para a adaptação dos indivíduos aos contextos sociais e para a satisfação nos relacionamentos interpessoais. Estudos prévios também apresentam a prática de canto coral como fator socializador e democrático. Objetivo. Este estudo teve como objetivos averiguar a existência de diferenças, ou não, no repertório de habilidades sociais entre adolescentes praticantes e não praticantes de canto coral e a repercussão, na opinião dos praticantes, da participação nessa atividade. Método. Utilizou-se a pesquisa qualitativa, com entrevista semiestruturada, e a pesquisa quantitativa exploratória comparativa. Foram entrevistados três adolescentes praticantes de coro, e foram aplicados o IHS-Del-Prete e um questionário sociobiodemográfico em 100 participantes com idades entre 14 e 17 anos, divididos em dois grupos: praticantes e não praticantes de canto coral. As entrevistas foram transcritas e analisadas pelo método de Análise de Conteúdo, e os dados coletados através do IHS foram tabulados e analisados com o uso do programa SPSS através do teste *t de student* para amostras não pareadas. Resultados. As entrevistas mostraram que a prática de canto coral repercute em vários momentos e contextos nas suas vidas, gerando sentimentos e oportunidades, além de promover o desenvolvimento de diferentes habilidades. Os resultados advindos da comparação dos grupos de coristas e não coristas evidenciaram diferenças significativas em relação à expressão de afeto positivo, que foi maior entre coristas, e a habilidade de conversação e desenvoltura, que resultou maior em não coristas. Conclusões. O trabalho discute a relevância da temática para a Psicologia Social Comunitária.

Palavras chave: psicologia social, atividades de lazer, música.

Introdução

Considera-se, atualmente, que o repertório de habilidades sociais (HS) está intimamente relacionado à saúde, à satisfação pessoal, à realização profissional e à qualidade de vida. Por esse motivo, as HS constituem-se como um foco de intervenção educativa ou terapêutica (Del Prette y Del Prette, 2001). As HS são reconhecidas como fatores de proteção no curso do desenvolvimento humano (Murta, 2005). Estudos apontam que o desenvolvimento de HS contribui para uma melhor adaptação ao meio escolar, bem como previne o aparecimento de comportamentos agressivos (Pavarino, Del Prette y Del Prette, 2005) e de dificuldades de aprendizagem (Ferreira y Marturano, 2002; Gonçalves y Murta, 2008). Segundo Murta

(2005), há estudos Del Prette y Del Prette, 2001; 2002; 2003 y Marlatt (1993) mostrando que déficits nas HS estão correlacionados com fraco desempenho acadêmico, delinquência, abuso de drogas, crises conjugais e desordens emocionais variadas, como transtornos de ansiedade. Outros estudos mostram que déficits de HS estão associados a problemas psicossociais tais como depressão, ansiedade social, estresse e solidão (Bandeira, Rocha, Freitas, Dell Prette y Dell Prette, 2006; Segrin y Flora, 2000).

O desenvolvimento de HS pode ser promovido através de atividades que não estejam, necessariamente, vinculadas a programas psicoterapêuticos de Treinamento de Habilidades Sociais (THS). A utilização de recursos disponibilizados pela própria comunidade torna-se um caminho viável e eficaz

para a expansão dessas habilidades. Desta forma, diferentes grupos existentes em uma comunidade podem vir a contribuir para o desenvolvimento de HS, sem que isso seja seu objetivo primordial. As atividades musicais desenvolvidas em uma comunidade, por exemplo, podem proporcionar um panorama político, social e cultural, assim como podem auxiliar no desenvolvimento de habilidades sociais de seus integrantes. Neste estudo, buscou-se responder aos seguintes questionamentos: qual a repercussão da prática de canto coral para o desenvolvimento de habilidades sociais na opinião de praticantes dessa atividade? Há diferença entre o repertório de habilidades sociais de membros praticantes e não praticantes de atividades de canto coral?

Os objetivos desta investigação incluíram conhecer, na opinião de praticantes de canto coral, qual a repercussão da participação nessa atividade para o desenvolvimento, em situações sociais por eles vivenciadas, da *habilidade de enfrentamento com risco; autoafirmação na expressão de afeto positivo; conversação e desenvoltura social; autoexposição a desconhecidos ou a situações novas; autocontrole e agressividade em situações aversivas*. Também são objetivos deste trabalho averiguar a existência ou não de diferenças, de membros praticantes e não praticantes de atividades de canto coral, entre o repertório de *habilidade de enfrentamento com risco; autoafirmação; conversação e desenvoltura; autoexposição a desconhecidos ou a situações novas; autocontrole da agressividade em situações aversivas*.

Logo, coloca-se que, com esse movimento em prol do desenvolvimento de HS, pensa-se objetivar a promoção de novas competências, de modo a poder evitar ou administrar conflitos interpessoais e viver de maneira mais harmoniosa e solidária. Através desse movimento, tem-se a oportunidade de se desprender da esfera da intervenção clínica e abordar questões do desenvolvimento psicológico dos indivíduos em um contexto educacional e social comunitário (Del Prette y Del Prette, 2005b). Por isso, este trabalho aborda, pelo viés teórico e metodológico da Psicologia Social Comunitária, a temática das habilidades sociais utilizando como possível meio de desenvolver tais recursos a música, mais especificamente a prática de canto coral.

A Psicologia Social Comunitária

O ser humano, como ser social e com raras exceções, interage diariamente com diferentes pessoas. Nessas inter-relações, o indivíduo encontra satisfação para suas necessidades, pois as trocas estabelecidas com outros são promotoras da realização do ser humano. Consequentemente, pode-se argumentar que a satisfação das necessidades sociais, fisiológicas, emocionais e racionais do ser humano depende da qualidade das interações interpessoais estabelecidas, pois os indivíduos estão, constantemente, partilhando sentimentos, ideias e ideais, sejam eles positivos ou negativos (Braghrolli, Pereira y Rizzon, 2003; Del Prette y Del Prette, 2005a). Todas essas maneiras de expressão promovem, por sua diversidade, forma e conteúdo, o interesse da Psicologia Social Comunitária por compreender as múltiplas relações, contextos, conteúdos e cursos envolvidos (Romero, 2007).

A Psicologia Social Comunitária (Góis, 1993 citado por Campos, 2005, p.3) é uma área da Psicologia Social interessada pela atividade do psiquismo decorrente do modo de vida da comunidade. Ela tem como objeto de estudo o sistema de relações e representações, identidade, níveis de consciência, identificação e pertinência e como problema central a transformação do indivíduo em sujeito. Para Montero (2003), uma das vias fundamentais para alcançar o desenvolvimento e a transformação das comunidades é o seu fortalecimento. Nesse processo de fortalecimento, os membros de uma comunidade desenvolveriam, conjuntamente, capacidades e recursos para controlar sua situação de vida e atuariam de maneira comprometida, consciente e crítica, objetivando uma transformação segundo as necessidades e aspirações da própria comunidade.

A Psicologia Social Comunitária surge como uma área da Psicologia que procura desenvolver instrumentais de análise e intervenção relevantes para as problemáticas atuais. Intenta desenvolver a consciência crítica, assim como a ética da solidariedade e práticas cooperativas, ou mesmo autogestionárias, partindo das análises dos problemas cotidianos da comunidade. Trata-se de um campo interdisciplinar comprometido, política e socialmente, com o desenvolvimento dos saberes e práticas capazes de estabelecer relações igualitárias e emancipatórias (Campos, 2005). Coloca-se,

ainda, a Psicologia Social Comunitária como marco conceitual para descrever o trabalho social comunitário predominante na América Latina. Tendo caráter histórico-crítico e generalista, ela trabalha em um campo de interlocução com movimentos sociais e com outros saberes, inspirando práticas atentas à complexidade do cotidiano (Scarparo y Guareschi, 2007).

Bleger (1984) escreve sobre a importância de sair dos estreitos limites focados nos aspectos curativos e individuais da doença para entrar no campo das ciências do comportamento. Fala em voltar-se do individual ao social como consequência de um reconhecimento de que os problemas de saúde, de doença e de convivência normal ultrapassam o âmbito profissional privado e individual, transformando-se em áreas de trabalho das instituições encarregadas de organizar a atenção da comunidade. Freitas (2005) corrobora tais ideias ao colocar que, para se contribuir para uma vida psicológica mais saudável, o trabalho deve ultrapassar a esfera do individual e do particular, apreendendo uma perspectiva da realidade – em sua totalidade histórica – concreta das pessoas. Ao fazer isso, o psicólogo estaria atuando dentro de uma perspectiva da Psicologia Social.

A Psicologia Social Comunitária privilegia o trabalho com grupos que contribuem para a formação de uma consciência crítica, assim como para a construção de uma identidade social e individual com princípios eticamente humanos (Freitas, 2005; Lane, 2005; Neves y Bernardes, 2001). Gohn (1999) destaca que, nos anos 90, em decorrência das mudanças na economia, na sociedade e no mundo do trabalho, passou-se a valorizar os processos de aprendizagem em grupos e a dar-se grande importância aos valores culturais que articulam as ações dos indivíduos. E, quando Lane (1991) escreve que “toda ação transformadora da sociedade só pode ocorrer quando indivíduos se agrupam” (p. 78), salienta-se a potencialidade inerente a um grupo. Câmara (2008) coloca ser necessária a percepção, por parte de indivíduos e grupos, de que eles são construtores de seus contextos.

Considerando que a humanidade vive, hoje, num mundo cada vez mais dinâmico, rotativo e em constante mudança, Gerk e Cunha (2006) destacam que, na atualidade, o indivíduo necessita manter-se em movimento, ser flexível, adaptando-se aos

novos ambientes e grupos sociais. Dessa forma, o desenvolvimento de várias habilidades e capacidades torna-se uma exigência contemporânea, sendo as habilidades sociais uma das qualidades a serem desenvolvidas como estratégia para se atingir uma competência, principalmente na área social.

Habilidades Sociais

Existem diversas definições para HS e escolher uma delas para definir o que é um comportamento socialmente hábil, torna-se problemático, pois, como coloca Caballo (2008), a habilidade social deve ser considerada dentro de um contexto cultural determinado. Cavalieri (2002) citado por Gerk e Cunha (2006), refere que, de modo geral, as HS podem ser consideradas como capacidades de efetuar condutas aprendidas que abrangem necessidades de comunicação interpessoal ou respondem às exigências e às demandas sociais, cuja finalidade é conseguir reforçadores em situações de interação social, manter ou melhorar as relações interpessoais, impedir bloqueio de reforço social, manter alta a autoestima e diminuir o estresse ligado a situações interpessoais conflitantes.

O comportamento socialmente habilidoso constitui um conjunto de comportamentos emitidos por um indivíduo em um contexto interpessoal, o qual expressa sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos, de um modo apropriado à situação, respeitando esses comportamentos nos demais. Normalmente, resolve os problemas imediatos da situação enquanto minimiza a probabilidade de futuros problemas (Caballo, 1996 citado por Caballo, 2002).

Segundo Del Prette e Del Prette (2001; 2005b), qualquer comportamento ou sequência de comportamentos ocorridos em situação social vêm a ser considerados como desempenho social, que pode ser qualificado como socialmente competente ou não. O atributo avaliativo do desempenho social é chamado de competência social e depende da funcionalidade e coerências com os pensamentos e sentimentos do indivíduo. As HS são, para esses autores, as classes comportamentais existentes no repertório do indivíduo, que, mesmo as possuindo, pode não utilizá-las em algumas situações, por diversos motivos (ansiedade, crenças errôneas e dificuldades de leitura do ambiente).

O interesse pela evolução do desempenho social está presente na Psicologia há bastante tempo. Sabe-se que, praticamente, todas as teorias de desenvolvimento abordam a questão da socialização e da importância das relações sociais como fatores de saúde mental e de desenvolvimento (Del Prette y Del Prette, 2005a). A interação com pares ou companheiros tem sido reconhecida como um fator relevante no desenvolvimento de HS (Rubin, 1990 citado por Del Prette y Del Prette, 2005a). A importância de vivências extrafamiliares é reconhecida por impor, constantemente, novos desafios interpessoais a serem enfrentados. Sabe-se que interações fora do sistema familiar e com pares são possíveis em diversos ambientes comunitários e que esses relacionamentos ocorrem em grupos. Dentro das várias possibilidades de grupos que podemos encontrar em uma comunidade, temos os grupos musicais, que, segundo pesquisas (Fucci Amato, 2007; Pereira y Vasconcelos, 2007), podem auxiliar no desenvolvimento de fatores relacionados às HS através de processos educativos e socioculturais.

Música

Através da história, sabe-se que a música vem sendo utilizada de forma terapêutica por séculos. Isto transparece nos papiros médicos egípcios, na mitologia grega e nos escritos do povo hebreu. Sabe-se, ainda, que reflexões filosóficas sobre o seu lugar na educação teriam influenciado o período Medieval e a Renascença (Grout, 2001; Hatem, Lira y Mattos, 2006; Jaeger, 1989; Sekeff, 2007). Portanto, a música é um fenômeno social que mantém funções tradicionais e sentidos próprios em diferentes sociedades ao longo da História (Ilari, 2006). Para Sacks (2007), os humanos constituem uma espécie musical, além de linguística. Ele menciona que a humanidade, com pouquíssimas exceções, é capaz de perceber música, tons, timbres, intervalos de notas, contornos melódicos, harmonia e ritmo. A fim de que possa interagir com esses elementos e construir a música na mente, ela usa muitas partes do cérebro.

Pesquisas indicam que para pacientes com várias doenças neurológicas, ela pode ser ainda mais poderosa e ter alto potencial terapêutico, como nos casos de doença de Alzheimer e outras demências, nas síndromes corticais específicas (perda das funções da

linguagem ou do movimento), amnésias, transtorno autista, retardo mental, parkinsonismo ou diversos distúrbios do movimento. Todas essas patologias, além de outras, podem responder à música e à musicoterapia (Sacks, 2007).

Fala-se muito sobre a música e sua função na sociedade, procurando justificar a necessidade do ensino de música para crianças e jovens em termos de socialização, cognição, criatividade, desenvolvimento psicológico, moral e religioso. É evidente que a música não é de domínio apenas de profissionais e estudiosos, mas também do público leigo, estando presente em qualquer classe social e cultura, o que a torna acessível e universal. Nesse cenário, pode-se assumir a voz humana como tendo um papel importante, pois ela é um instrumento musical acessível a todo indivíduo saudável (Carnassale, 1995).

Dentre as várias possibilidades de trabalho musical em grupos comunitários, pode-se citar o canto coral como um veículo de disseminação das prerrogativas atribuídas à música, como, por exemplo, maior socialização, desembaraço, trabalho em equipe, ajuda na organização e sincronia no trabalho ou no divertimento, comunicação, concentração (autodisciplina) e autoconfiança dos membros participantes da atividade.

Canto coral

A prática de canto coral é exercida e difundida nas mais diferentes culturas e etnias (Fucci Amato, 2007). No Brasil, a atividade de canto coral é consideravelmente difundida, sendo um instrumento potencial de educação musical de crianças, adolescentes e adultos. Essa condição está relacionada ao fato de o canto coral ter como instrumento principal a voz, inata aos seres humanos, e por basear-se em atividade que possibilita o exercício da prática social (Oliveira, 2003).

A atividade de canto coral é socialmente democrática, pois pode ser realizada por diferentes pessoas de diversas idades ou estilos. Normalmente, nos coros, é praticado o canto amador. O que os coristas buscam, na maioria das vezes, é o prazer, de modo que fazem desta atividade um espaço terapêutico para a sua vida. O coro pode ser considerado, também, uma manifestação de educação musical relevante e uma

significativa ferramenta de integração social (Fucci Amato, 2007; Rocha, Amaral y Hanayana, 2007).

Analisando a dimensão comunitária do canto coral, percebe-se que o corista aprende a desenvolver um olhar para a sociedade e para a comunidade como instância contida de estruturas. Mesmo sendo uma instância cultural, o canto coral passa a ser identificado como tendo papel ou função social de transmissão cultural. Os valores históricos, estéticos e éticos estão contidos nessa transmissão musical/cultural, e tais valores podem ser transmitidos através de gestos, músicas, sons e vozes (Pereira y Vasconcelos, 2007). Essas características exigem do regente uma série de habilidades e competências, ligadas não só ao preparo técnico musical, mas também à gestão e condução de pessoas que procuram motivação, aprendizagem e convivência em um grupo social (Figueiredo, 1990; Fucci-Amato, 2007).

Cantar é um fenômeno cultural, social e histórico que promove comunicação e expressão do ser humano e de sua cultura. É, ainda, um fenômeno psíquico, integrador, que envolve processos cognitivos. O cantar é capaz de mover as emoções, a imaginação e os afetos daqueles que cantam e, também, dos seus ouvintes (Kratochvil, 2003). Com isso, autores colocam não ser relevante se o coro intenta ser profissional ou amador. A importância residiria no fato de ele cumprir uma função educacional e social integradora. Para eles, na atividade de canto coral, não importa se o indivíduo é igual ou diferente, econômica, social e intelectualmente ao outro corista, pois, naquele momento, todos se encontrariam numa mesma condição de aprendizes (Figueiredo, 1990; Fucci Amato, 2007; Pereira y Vasconcelos, 2007).

Com isso, destaca-se o que escreveram Pereira e Vasconcelos (2007): “a relevância do canto coral na vida em sociedade é sem dúvida algo material e concreto” (p. 113), tendo, em seu estudo e aplicação, relevância social e educacional. Portanto, tomando como base as reflexões sobre a Psicologia Social Comunitária, as manifestações culturais como a música e o canto coral, investigando os benefícios de práticas comunitárias desta natureza no desenvolvimento de habilidades sociais, entende-se que se poderiam ampliar as formas de intervenção do psicólogo visando ao bem-estar psíquico e social nas comunidades.

Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa exploratória comparativa. O estudo qualitativo envolveu a realização de entrevistas semiestruturadas, a fim de examinar a repercussão da participação em atividades de canto coral dos sujeitos entrevistados. No estudo quantitativo, foram aplicados dois instrumentos, coletivamente, e compararam-se dois grupos equivalentes em seriação e idade, sendo um de estudantes de Ensino Médio, participantes de canto coral e, o outro, de estudantes de Ensino Médio sem experiência em atividades de coro.

Amostra

Participaram do estudo qualitativo três adolescentes, dois com 17 anos e um com 16 anos que realizam atividades de canto coral, sendo um menino e duas meninas, estudantes do Ensino Médio. Os participantes estavam em atividades de canto coral há cinco anos em média.

A amostra do estudo quantitativo é constituída de 100 sujeitos, pertencentes à faixa etária de quatorze a dezessete anos, idade média da Amostra é 15,84 anos (DP= 0,813), de ambos os sexos, sendo 51% do sexo feminino e 49% do sexo masculino, estudantes do Ensino Médio em uma instituição de ensino com regime de externato e internato mistos, particular e religiosa, situada na região do Vale do Paranhana. A instituição concede bolsas de estudo, permitindo que alunos de baixa renda também estudem e participem de atividades extracurriculares, tais como as esportivas e as de canto coral, entre outras muitas.

Os sujeitos participantes foram divididos em dois grupos, com 51 e 49 participantes em cada grupo, respectivamente. O primeiro constituído de estudantes do Ensino Médio e participantes voluntários da atividade de canto coral, que já participavam de, no mínimo, um ano e meio de atividades de coro. O segundo grupo também estava formado por estudantes do Ensino Médio, porém com ausência de experiência de coro ou outra atividade musical. Na formação dos grupos, deu-se atenção à necessidade de homogeneidade entre as características sociobiodemográficas dos integrantes da pesquisa. O critério de escolha dos integrantes do grupo de coristas foi por conveniência. Para o grupo de não coristas, a busca foi intencional em razão da

necessidade de equivalência entre as características sociobiodemográficas de ambos os grupos.

Instrumentos

O estudo qualitativo utilizou, como instrumento, uma entrevista semiestruturada, contendo questões relativas à percepção individual da repercussão da prática de canto coral, ligada ao desenvolvimento de habilidades sociais, como por exemplo: relate-me a sua experiência com a atividade de canto coral; como foi a escolha para esta atividade? Qual a repercussão desta atividade em sua vida? Esse procedimento é bastante usual no trabalho de campo e objetiva buscar informações contidas na fala dos atores sociais, tendo como foco o problema proposto para o estudo (Minayo, 2002).

Para o estudo quantitativo, foram utilizados dois instrumentos para a coleta de dados: um questionário de dados sociobiodemográficos e o Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette) adaptado (Del Prette y Del Prette, 2001). A adaptação desse inventário foi necessária, pois o IHS-Del-Prette foi validado para utilização em adultos e jovens com formação mínima de Ensino Médio. Como a amostra se encontrava cursando o Ensino Médio (abrangeu primeiros, segundos e terceiros anos), teve-se a preocupação de se adaptar a linguagem para facilitar a compreensão dos participantes.

Procedimento

De posse da autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) das Faculdades Integradas de Taquara, sendo o número de protocolo de aprovação 497, entrou-se em contato com a escola e com a responsável pelo coro, a fim de solicitar autorização para a realização da pesquisa, dando-se, então, início à coleta de dados. Para a coleta do estudo qualitativo, realizado concomitantemente ao estudo quantitativo, conversou-se com os dirigentes do coro, a fim de obterem-se nomes de coristas que participassem há mais de três anos das atividades. Contataram-se três nomes da lista. Explicando-se o objetivo do procedimento e, em data pré-agendada, realizou-se a entrevista, a qual foi gravada. Foram entregues aos potenciais participantes os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para a assinatura dos responsáveis e dos participantes, antes da data agendada para a entrevista. No caso dos alunos

internos da instituição, foi solicitada a autorização dos preceptores.

Para o estudo quantitativo, contataram-se os potenciais participantes, alunos de Ensino Médio e praticantes de canto coral. Após explanação sobre os objetivos do trabalho, foi marcada a data para a realização da coleta dos dados. No dia da aplicação dos instrumentos, foram realizadas, coletivamente, a leitura e o esclarecimento do TCLE e a aplicação dos instrumentos do estudo. Os procedimentos para a obtenção dos TCLE foram os mesmos do estudo qualitativo para os dois grupos pesquisados.

Após análise dos dados sociobiodemográficos dos estudantes de Ensino Médio que participavam do canto coral e tendo informações sobre as características como média de idade, sexo e escolaridade, foram contatados professores de turmas de Ensino Médio que possuíam alunos que se assemelhassem em termos de características sociobiodemográficas aos integrantes do grupo de canto coral, mas não participavam do grupo. Através de convite em sala de aula, do envio do TCLE e da autorização para aplicação por parte dos responsáveis pelo adolescente, foram aplicados, coletivamente, os instrumentos do estudo quantitativo em data pré-agendada com os participantes.

No estudo qualitativo, as entrevistas foram transcritas, e a análise dos dados foi realizada através do método de Análise de Conteúdo (Olabuenaga y Ispizua, 1989). Tal método consiste na leitura atenta e exaustiva do material coletado, o que possibilita a criação de unidades de sentido (expressões, frases, de conteúdo significativo) e posterior categorização. Os dados coletados, através dos dois instrumentos utilizados no estudo quantitativo, foram tabulados e analisados através do uso do programa SPSS 13.0 (Statistical Program for Social Sciences). Para a análise do IHS, tomou-se como referência o manual do inventário (Del Prette y Del Prette, 2001). Foram realizadas análises descritivas e de diferenças entre grupos para obterem-se respostas quanto ao problema de pesquisa. As variáveis utilizadas no teste t de student foram habilidades sociais (como variável independente) e participação em canto coral ou não participação em canto coral (como variável dependente). A análise de diferenças entre as duas condições foi feita pela estatística inferencial, através do teste t de student.

Resultados

Estudo Qualitativo

As entrevistas realizadas, para o estudo qualitativo com praticantes de canto coral viabilizaram

a categorização das respostas. Os dados analisados foram organizados através do Quadro de categorias I (Tabela I).

Tabela I: Categorias resultantes da Análise das Entrevistas

Categorias	Subcategorias	Frequência das unidades de sentido
Categoria A Sentimentos vivenciados a partir da prática de canto coral	A.1 – Satisfação, bem-estar e realização;	22
	A.2 – Pertença, estar em família;	06
	A.3 – Envolvimento pessoal;	09
	A.4 – Identificação;	05
Categoria B Situações oportunizadas a partir da prática de canto coral	B.1 – Aprendizado sobre as relações;	06
	B.2 – Conhecer lugares;	03
	B.3 – Lazer, diversão e encontros sociais;	08
	B.4 – Profissionalização e aprendizado técnico;	04
Categoria C Repercussões desencadeadas pela prática de canto coral	C.1 – Aprofundamento da espiritualidade, religiosidade e fé;	16
	C.2 – Ampliação da rede de relações;	03
	C.3 – Aproximação de figuras de liderança;	03
	C.4 – Estreitamento e ampliação das relações de amizade;	10
	C.5 – Desenvolvimento pessoal e da noção de responsabilidade;	23
	C.6 – Experiência de valores humanos;	03
	C.7 – Relações familiares;	05
	C.8 – Desejo de transmitir a experiência;	07
Categoria D Desenvolvimento de habilidades		16
	D.1 – Autoafirmar-se e enfrentar situações adversas;	18
	D.2 – Comunicar-se espontaneamente com pessoas ou grupos de diferentes formas;	13
	D.3 – Agir respeitando limites e regras disciplinares;	10
	D.4 – Relacionamento interpessoal;	03
	D.5 – Negociação.	10

Como se pode constatar através do Quadro de categorias I, a repercussão da prática de canto coral, na opinião de praticantes dessa atividade, envolve sentimentos vivenciados no contato com a atividade, situações oportunizadas pelo coro, repercussões advindas da atividade e, por fim, o desenvolvimento das habilidades sociais.

A primeira categoria analisada foi intitulada “Sentimentos vivenciados a partir da prática de canto coral”. Os entrevistados afirmaram que vivenciam sentimentos de “satisfação, bem-estar e realização pessoal” junto ao coro. Além disso, o sentimento de “pertencer a um grupo ou a uma família” também foi citado. Essas impressões fazem com que os praticantes

de canto coral estabeleçam um “envolvimento pessoal” muito grande com o grupo do coro, assim como desenvolvam um grau de “identificação”. Como escreveu Sacks (2007), a música é capaz de acalmar, animar, consolar, emocionar. Logo, é capaz de influenciar nos sentimentos experienciados.

A subcategoria “Satisfação, bem-estar e realização” (A.1) pode ser ilustrada pelos trechos das entrevistas abaixo descritos:

“(...) Bá uma experiência maravilhosa ...” (Entrevistado 1).

“Olha, é uma coisa assim quase sem explicação, é realmente muito envolvente, muito, muito, maravilhoso em tudo...” (Entrevistado 2).

“Sabe, eu me sinto assim aliviada quando eu estou no coral, renovada, ai, é muito bom”. (Entrevistado 2).

O “Sentimento de pertença, de estar em família” (A.2) foi outro fator citado na categoria A e pode ser observado na passagem abaixo:

“Eu acho que (...) ai, assim, ah, a questão dos amigos né, porque, nossa, é que nem irmãos né, mais do que amigos assim...” (Entrevistado 1).

“Envolvimento pessoal” (A.3) é outra subcategoria, retratada na categoria “Sentimentos vivenciados a partir da prática de canto coral”, que demonstra o nível de comprometimento dos coristas para com o coro. Essa subcategoria está ilustrada pelos seguintes trechos das entrevistas:

“(...) grande parte da minha vida eu to aqui. Então, três vezes por semana a gente tem ensaio, e muitas vezes têm muito mais ensaios do que é as três vezes. Então, a nossa vida fica ali, né. Então, marcada...” (Entrevistado 1).

“Olha, eu me sinto realizado em participar, e, e faz muito bem. Eu gosto de estar junto, de me envolver, de, de fazer a diferença”. (Entrevistado 3).

Faz parte da categoria A, também, o sentimento de “Identificação” (A.4) despertado pela atividade de canto coral, nos coristas entrevistados, em relação ao coro como instituição. As passagens ilustrativas dessa subcategoria estão abaixo relatadas:

“(...)as pessoas com quem eu me envolvo, são da mesma, ãh, os princípios são todos do mesmo estilo, que eu me identifico”. (Entrevistado 2).

“Eu me identificava mais, e, também, todos os meus amigos participam dele”. (Entrevistado 3).

Acredita-se que há um processo de socialização no canto coral capaz de desenvolver o participante dessa atividade. Esse desenvolvimento seria possível pelas relações interpessoais, tendo como canal e vínculo a música, trazendo novas formas de agir, pensar e sentir. Desse modo, a música contextualizaria as relações sociais, influenciando o processo de formação dos participantes (Pereira y Vasconcelos, 2007).

Corroborando com o que o Pereira y Vasconcelos (2007) escreveram, na categoria B, observa-se que, dentre as “Situações oportunizadas a partir da prática de canto coral”, encontra-se a possibilidade de se obter maior “Aprendizado sobre as relações” (B.1) humanas. Como dito nas entrevistas:

“(...) Então, eu acho que o relacionamento também, a gente sempre aprimora...” e *“(...) quando tu tá no meio de um grupo, onde todos estão fazendo a mesma coisa que tu, é muito mais fácil né, tu te sente mais à vontade”.* (Entrevistado 1).

“(...) é um grupo grande, mas ao mesmo tempo ele é pequeno, tem como conhecer, claro, não tão a fundo, mas tem como conhecer todas as pessoas. Isso me incentiva a conversar com todo mundo...” (Entrevistado 3).

Além disso, também é possível “Conhecer lugares” (B.2) novos. Os entrevistados 1 e 3 afirmam que:

“(...) a gente já conheceu vários lugares”. (Entrevistado 1).

“Ah, a gente (...) excursões, saídas, é (...) algumas festas assim, e, e sempre brincando com os amigos, estar sempre junto, é muito bom”. (Entrevistado 3).

O “Lazer, diversão e encontros sociais” (B.3) constituem outras oportunidades listadas pelos participantes da atividade de canto coral, fator esse citado por Sacks (2007), que escreveu que a atividade musical pode ajudar na organização e sincronia no trabalho ou no divertimento. Essas ideias podem ser exemplificadas pelas passagens:

“Tipo, ah, tem um dia cheio, daí tu estuda, chega segunda e quarta por exemplo (dias dos ensaios) né,

daí chega na hora do coral, culto, louvor, tu relaxa totalmente. É a época do dia que já é recreio assim”. (Entrevistado 2).

“É muito bom, é (...) a gente trabalha bastante, mas se diverte bastante também, e eu gosto muito” e “(...) algumas festas assim, e, e sempre brincando com os amigos, estar sempre junto, é muito bom”. (Entrevistado 3).

Por fim, dentro da categoria relacionada às oportunidades advindas da prática de canto coral, tem-se a “Profissionalização e aprendizado técnico” (B.4), apresentadas pelas falas dos entrevistados 1 e 3:

“(...) e também vocal né, aprende bastante coisa assim, nossa, sem comparação!” (Entrevistado 1).

“Eu, como, como desde pequeno sempre estudei música, pretendo seguir a carreira de músico. Não sei se, se vai dar certo ou não, mas é uma boa experiência pra, as vezes entendo os líderes do coral, pra entender, mais ou menos, como seria uma profissão dessas”. (Entrevistado 3).

E, com isso, destacam-se, da literatura, informações que confirmam que o espaço que os integrantes de um coro formam, constitui-se de diferentes relações interpessoais e de ensino-aprendizagem, apresentando-se como um grupo de aprendizagem musical, desenvolvimento vocal, integração e inclusão social (Figueiredo, 1990; Fucci Amato, 2007).

Dentre as “Repercussões desencadeadas pela prática de canto coral”, primeiramente destacamos o “Aprofundamento da espiritualidade, religiosidade e fé” (C.1) dos participantes do coro em questão, que é de seguimento religioso. As falas dos entrevistados exemplificam essa subcategoria:

“E também espiritual né, porque eu até me batizei, nossa, sem comparação também como quando a gente fica perto de Deus a gente descobre quão importante é ter Deus em primeiro lugar”. (Entrevistado 1).

“Tem bem na vida espiritual, bem mesmo. Assim, na vida pessoal minha com Deus, sabe, ãh, ano bíblico...” (Entrevistado 2).

“Pra mim, a comunhão com Deus. Particularmente eu estou para melhorar a cada dia, assim, e tu estar num grupo socialmente acaba sendo, entre aspas, mais fácil”. (Entrevistado 3).

Encontra-se na literatura que, nesse contexto de atividade de canto coral, as relações se estabeleceriam entre corista/coristas, corista/regente, corista/comunidade e corista/música, propiciando ampliação das relações sociais (Pereira y Vasconcelos, 2007). Nas entrevistas, apareceram falas que corroboram com os dados acima assinalados, as quais se apresentam nas subcategorias “Ampliação da rede de relações” (C.2), “Aproximação de figuras de liderança” (C.3) e “Estreitamento e ampliação das relações de amizade” (C.4). Essas ideias podem ser exemplificadas pelas passagens:

“(...) é um grupo grande, mas ao mesmo tempo ele é pequeno, tem como conhecer, claro, não tão a fundo, mas tem como conhecer todas as pessoas. Isso me incentiva a conversar com todo mundo...” (Entrevistado 3, cat. C.2; C.4).

“É, é gradativo, né. Tu, como o coral te ensina, né, a Bety (regente do coro), o pessoal que são regentes do coral. Eles ensinam a gente, e, também, palestras, assim, palestras que a gente tem. A gente sempre acaba aprendendo coisas tipo assim...” (Entrevistado 1, cat. C.3).

“E com certeza tu perde muito a vergonha, assim, fica solto, assim, para qualquer assim, ir conversar com o diretor, assim, por exemplo, já é uma coisa já mais tranqüila”. (Entrevistado 2, cat. C.3).

“As pessoas sabem até, às vezes, mais do que a minha própria família coisas de mim”. (Entrevistado 1, cat. C.4).

Sabe-se que a educação musical é um meio de desenvolver a personalidade como um todo. É capaz de despertar e desenvolver faculdades indispensáveis em qualquer área de atividade: faculdades de percepção, comunicação, concentração (autodisciplina), trabalho em equipe (subordinação de interesses pessoais aos do grupo), discernimento, análise e síntese, desembaraço e autoconfiança. Seria responsável também pelo desenvolvimento de criatividade, do senso crítico, do senso de responsabilidade, da sensibilidade de valores qualitativos da memória e, principalmente, do desenvolvimento dos processos de conscientização do todo, base essencial do raciocínio globalizante e integrador, como fatores ligados à atividade musical (Brito, 2001; Galvão 2006; Rosa, 1990). Os entrevistados citaram como repercussões

decorrentes da atividade de canto coral, dentro desse contexto citado por Brito (2001), Galvão (2006) e Rosa (1990), o “Desenvolvimento pessoal e da noção de responsabilidade” (C.5) e a “Experiência de valores humanos” (C.6). As passagens que seguem ilustram essas subcategorias:

“To até hoje aqui, e é uma coisa que não, que é muito bom para a minha vida espiritual, como para minha vida pessoal, (...) e tudo, assim responsabilidade a gente aprende muito, também, a convivência com pessoas”. (Entrevistado 2, cat. C.5).

“Com certeza (participação no coro interfere no jeito de ser, agir, relacionar-se). Em tudo, assim, humildade, caráter, em tudo”. (Entrevistado 2, cat. C.5).

“(...)tu tendo mais atividades tu acaba tendo que te organizar melhor. E às vezes (...) e, eu acho bom assim”. (Entrevistado 3, cat. C.5).

“Porque tu aprende até os direitos também, tu também tem direitos né. E muitas vezes tu perde por não falar”. (Entrevistado 2, cat. C.6).

Ainda dentro da categoria das repercussões desencadeadas com a atividade de canto coral, os entrevistados destacaram as “Relações familiares” (C.7). A atividade de canto coral, em alguns casos, interferiu beneficentemente e, em outros, foi relatada certa oposição da família, como está descrito nas passagens abaixo:

“Ai, não sei, é que assim, como a minha família não é adventista, daí a repercussão, assim, houve, como eu sempre aqueles problemas, né, de, que: ah! Não, quem sabe hoje não vai no coral! Não vai ser importante! Mas sempre achei muito importante, até porque, porque eu volto com eles, pra vir...” (Entrevistado 1).

“Na verdade, também, na vida pessoal em casa né, em tudo assim, melhora muito, a gente aprende”. (Entrevistado 2).

Por fim, dentro da categoria C, encontra-se na fala dos entrevistados o “Desejo de transmitir a experiência” (C.8) por eles vivenciada no coro. Essa ideia pode ser exemplificada pelas passagens:

“(...) eu querer levar, também, a verdade que eu aprendo no coral para as outras pessoas. Eu que além do que eu tinha falado (...) de querer levar para

as outras pessoas, de ter essa vontade, de querer levar para as outras pessoas o que eu aprendi ali”. (Entrevistado 1).

“A gente recebe a mensagem, daí a gente passa para as pessoas que, é muito bom, muito bom”. (Entrevistado 2).

No que tange à última categoria, verificou-se o “Desenvolvimento de habilidades” pela participação no coro. A capacidade de “Autoafirmar-se e enfrentar situações adversas” (D.1) foi uma das habilidades mencionadas e está ilustradas nas seguintes falas:

“E na questão do coral, se eu aprendi alguma coisa que é a verdade e que melhorou a minha verdade interior, então eu defendo com todas as minhas forças né”. (Entrevistado 1).

“(...)já aconteceu bastante comigo (enfrentamento com risco). Aí se, aí falaram que eu to errada, falaram né, discutiram, até se ficaram brabos comigo”. (Entrevistado 1).

“Eu acho que tu aprende a, a expor a tua ideia, a tua (...) a realmente o que tu acha”. (Entrevistado 3).

Outra subcategoria do “Desenvolvimento de habilidades” refere-se ao “Comunicar-se espontaneamente com pessoas ou grupos de diferentes formas” (D.2), habilidade essa que pode se expressar de diferentes formas, conforme mostram as passagens abaixo assinaladas:

“Bom, perder a vergonha, né, timidez, isso tu acaba ... como o coral é grande, então, tu tem que aprender a conversar com todo mundo e ser amigo de todo mundo, então tem que perder a timidez e acaba... Com o tempo tu acaba perdendo e falar em público, tudo, né”. (Entrevistado 1).

“Ah, nossa né! Porque tem que perder a vergonha, tem que, lá quando a gente (...) tem que agir, como, com o teu coração. Então, fazer os gestos, cantar, expressões né (corporal e facial). Então, sempre tu acaba aprendendo a lidar com isso, vai aderindo isso na tua vida. Então, agir com os outros, em outras ocasiões, também continua sendo a mesma coisa, né”. (Entrevistado 1).

“Olha, eu acho que eu, que eu aprendo a tentar conversar mais com as pessoas, a tentar me comunicar melhor (...)” (Entrevistado 3).

“É, tu tem que aprender, não, não só com relação a voz, mas também a fisionomia, tem que aprender a se comunicar com o público”. (Entrevistado 3).

Em consonância com essas falas, alguns autores (Brito, 2001; Galvão, 2006; Rosa, 1990) destacam que a atividade musical contribuiria para o desenvolvimento da coordenação visomotora, imitação de sons e gestos, atenção e percepção, memória, raciocínio, inteligência, linguagem e expressão corporal, funções psiconeurológicas que envolvem aspectos psicológicos e cognitivos. Estes constituiriam as diversas maneiras de adquirir conhecimentos, ou seja, seriam as operações mentais que são usadas para aprender, para raciocinar. Tem-se ainda, ligado às atividades musicais, a redução do medo e da inibição causados por preconceitos.

As subcategorias, referentes ao “Desenvolvimento de habilidades”, “Agir respeitando limites e regras disciplinares” (D.3), “Relacionamento interpessoal” (D.4) e “Negociação” (D.5) abarcam a dimensão interpessoal descrita por Pereira e Vasconcelos (2007), e podem ser exemplificadas pelas seguintes passagens:

“Tem um limite, assim, muito maior pra tudo né, pra falar, pra agir”. (Entrevistado 2, cat. D.3).

“Daí a gente fica quieto, que a gente sabe um limite, do que é certo e é errado”. (Entrevistado 2, cat. D.3).

“Não, é que quando tu tá no meio de um grupo, onde todos estão fazendo a mesma coisa que tu, é muito mais fácil né, tu te sente mais à vontade”. (Entrevistado 1, cat. D.4).

“E (...) claro, entendeu, tendo que, que entender que o outro não quer a mesma coisa, não tem a mesma idéia, mas tem que chegar a algum consenso, às vezes de muita coisa”. (Entrevistado 3, cat. D.5).

Pereira y Vasconcelos (2007, p.113), ao escreverem sobre a dimensão interpessoal dentro do coro, ratificam os dados obtidos com os entrevistados:

Acredita-se que as relações interpessoais são desenvolvidas no contexto do canto coral. Há neste contexto a necessidade de ceder, de se abrir para o outro, de seguir normas, regras, de obedecer à hierarquias e de se posicionar em uma função

simbólica e social específica. Tudo isso trabalha no indivíduo padrões e formas de compreender melhor as relações sociais interpessoais.

Estudo Quantitativo

Para complementar esta pesquisa, realizou-se o segundo estudo quantitativo. Analisou-se a presença ou não de diferenças nas habilidades sociais entre grupos de praticantes e não praticantes de atividade de canto coral através do teste *t de student* para amostras não pareadas. A Tabela II. Resultados do teste *t de student* para os fatores avaliados pelo IHS, explicita os dados coletados e analisados. Os resultados da comparação entre praticantes de canto coral/não praticantes de canto coral em relação à escala geral do IHS mostraram que não existem diferenças significativas entre os grupos pesquisados. No entanto, analisando os fatores da escala, evidenciaram-se diferenças, mais especificamente nos fatores: *habilidade de autoafirmação na expressão de afeto positivo* ($p=0,009$), indicando que o grupo de praticantes da atividade de canto coral possui maiores habilidades neste fator; e *habilidade de conversação e desenvoltura* ($p=0,037$), sendo o grupo de não praticantes de canto coral quem apresentou maior média neste fator. No tocante aos outros fatores, *habilidade de enfrentamento com risco*, *habilidade de autoexposição a desconhecidos ou a situações novas*, *habilidade de autocontrole da agressividade em situações aversivas* e *habilidade total* medida pelo IHS, não foram identificadas diferenças entre os grupos.

Tabela II: Resultados do teste *t de student* para os fatores avaliados pelo IHS

Fatores	Praticantes de canto coral M (DP)	Não-praticantes de canto coral M (DP)	t	df	p
F1 Enfrentamento com risco	33,92 (7,329)	33,22 (7,933)	,456	96,625	,786
F2 Autoafirmação na expressão de afeto positivo	29,55 (3,591)	27,22 (5,051)	2,663	86,379	,009*
F3 Conversaço e desenvoltura social	24,29 (3,905)	24,51 (4,861)	-,246	92,020	,037*
F4 Autoexposiço à desconhecido ou a situaçoes novas	13,76 (3,253)	12,76 (3,449)	1,504	97,053	,882
F5 Autocontrole da agressividade em situaçoes aversivas	10,82 (2,512)	10,41 (2,581)	,815	97,552	,832
F Total	112,33	108,14 (15,086)	1,453	96,206	,933
Habilidades Sociais Totais	(13,696)				

Como explicaçoes possiveis para tais resultados encontrados no IHS, pode-se inferir que os praticantes de canto coral tendem a se expressar melhor em termos de afeto positivo pelo ambiente e pela temática que o coro procura desenvolver para e com seus participantes. Del Prette e Del Prette (2001) descrevem como habilidades medidas, pelo escore fatorial a autoafirmaço na expresso de afeto positivo, a capacidade de “elogiar familiares e outras pessoas, expressar sentimento positivo, agradecer elogios, defender em grupo outra pessoa e participar de conversaço trivial” (p.28). Pode-se perceber a influênci do coro para o desenvolvimento dessas características, através do ambiente percebido e pela filosofia de vida que é ensinada no coro pesquisado, pelo discurso dos entrevistados na pesquisa qualitativa.

Já o resultado no fator *habilidade de conversaço e desenvoltura*, no qual o grupo de não praticantes de canto coral obteve maior média, pensou-se na possibilidade explicativa de que esse grupo acaba desenvolvendo uma forma de comunicaço social mais espontânea, não organizada e planejada no tempo e no espaço. O fator conversaço e desenvoltura social do IHS retrata a capacidade de lidar com situaçoes neutras de aproximaço, como manter e

encerrar conversaço, mediante risco mínimo de reaço indesejável; o traquejo social na conversaço, a forma de reagir a elogios, o comportamento de pedir favores e de recusar pedidos abusivos (Del Prette y Del Prette, 2001). Para corroborar esse fator, embasado no resultado do IHS, pode-se pensar na hipótese de que o coro, por ter características de organizaço e disciplina, destacadas na pesquisa qualitativa, poderia estar conduzindo a um padrão de comunicaço que necessite de estrutura disciplinar para acontecer, e que difere da avaliada pelo teste.

Relacionado a esta necessidade percebida para o desenvolvimento de habilidades sociais, Dell Prette y Dell Prette (2005a) ressaltam que os seres humanos, ao nascerem, dispõem de um equipamento biológico, cujo potencial para o desenvolvimento depende de muitos fatores, dentre eles os cuidados de higiene, saúde e estimulaço adequada. Por isso, aprender novas habilidades ao longo da vida torna-se uma necessidade, pois o ambiente circundante, sendo em grande parte social, está em contínua transformaço. Quanto ao desenvolvimento específico de habilidades sociais, além das trocas comportamentais e afetivas, são relevantes as práticas valorais parentais e o *background* cultural e socioeconômico da família. Esta pesquisa levanta a hipótese de que, além da

família, a participação em grupos sociais como o canto coral também pode ser um elemento promotor de desenvolvimento de habilidades sociais, principalmente de expressão de sentimentos positivos. As características do coro pesquisado remetem a essa inferência, pois através dos discursos dos entrevistados para o estudo qualitativo, nota-se como os integrantes da atividade percebem aquele grupo como uma “família”. Portanto, tomando os resultados dos dois estudos aqui apresentados, pode-se depreender que o grupo de canto coral é, para seus participantes, uma ferramenta capaz de auxiliá-los neste aprendizado social.

Estudos dentro da Psicologia Social Comunitária indicam que o trabalho com grupos, contribui para a formação de uma consciência crítica, assim como para a construção de uma identidade social e individual com princípios eticamente humanos (Freitas, 2005; Lane, 2005; Neves y Bernardes, 2001). No entanto, devemos considerar sempre as características dos diversos trabalhos com grupos existentes e as características idiossincráticas de cada um. No grupo analisado, observou-se que o desvio padrão, relativo às médias de habilidades sociais, no grupo de praticantes de canto coral, mostrou-se menor que no outro grupo. Esse resultado indica que o grupo de canto coral apresenta maior homogeneidade; o grupo de não praticantes de canto coral é mais heterogêneo. Tal resultado pode estar relacionado ao fato de que a prática de canto coral possibilita a seus praticantes tornarem-se mais coesos em termos de habilidades, uma vez que está baseado em uma ordem organizacional de funcionamento em que a disciplina é um componente muito importante. Esse dado estatístico reforça a hipótese de que a disciplina presente na atividade de canto coral pode favorecer ou não o desenvolvimento de fatores de habilidades sociais anteriormente citados.

Discussão

Ao retomar o tema selecionado para este estudo, Psicologia Social Comunitária, habilidades sociais, música e prática de canto coral, pode-se perceber a relevância de cada uma dessas áreas para o indivíduo que vive em sociedade. Sabe-se que a Psicologia Social Comunitária constitui um campo interdisciplinar comprometido, política e socialmente com o desenvolvimento dos saberes e práticas capazes de estabelecer relações igualitárias

e emancipatórias (Campos, 2005), e por ter esse caráter, seu aporte teórico e metodológico permitiu trabalhar as questões relacionadas à importância das habilidades sociais para uma inserção satisfatória dos indivíduos em sociedade, dentro da sua própria comunidade. E, ainda, proporcionou pensar, refletir e acreditar em estratégias para o desenvolvimento dessas habilidades através de atividades realizadas na e pela própria comunidade, como a prática de canto coral.

Esta pesquisa buscou conhecer a repercussão da prática de canto coral para o desenvolvimento de habilidades sociais, na concepção de praticantes desta atividade. Assim como verificar a existência ou não de diferenças entre o repertório de habilidades sociais de membros praticantes e não praticantes de atividades de canto coral.

Os principais resultados do estudo qualitativo mostram, através das categorias “Sentimentos vivenciados a partir da prática de canto coral”, “Situações oportunizadas a partir da prática de canto coral”, “Repercussões desencadeadas pela prática de canto coral”, “Desenvolvimento de habilidades” as principais repercussões na vida dos adolescentes. Podem estar indicando o quanto os participantes consideram a atividade de coro como um grupo, e não como um número determinado de pessoas reunidas para determinado fim. Além disto, entrevistados praticantes da atividade de canto coral, também, consideram o grupo como meio para refletirem sobre seus atos, adquirirem novos saberes, assim como para conhecerem e interagirem mais assertivamente com seus colegas. Estas conclusões corroboram estudos e experiências comunitárias que apontam a relevância do grupo como condição para o conhecimento da realidade comum, para a autorreflexão e para a ação conjunta e organizada (Freitas, 2005; Lane, 2005; Neves y Bernardes, 2001). No estudo quantitativo, os resultados mostraram que a *habilidade de autoafirmação na expressão de afeto positivo* do grupo de praticantes da atividade de canto coral encontra-se em maior escala nesse fator. Já na *habilidade de conversação e desenvoltura* o grupo de não praticantes de canto coral foi quem apresentou maior média no fator.

A impossibilidade de atribuir ao canto coral o desenvolvimento das habilidades sociais, assim como a impossibilidade de conhecer os níveis de

habilidades sociais dos praticantes de canto coral antes de iniciarem sua experiência na atividade indicam algumas das limitações deste estudo. Além disso, o número reduzido da amostra e o uso de instrumento que ainda carece de validação, também, integram os fatores limitantes da pesquisa.

Como sugestões para novas pesquisas, envolvendo as temáticas abordadas neste estudo, salienta-se a relevância de procurar conhecer como outras práticas grupais, desenvolvidas pela própria comunidade, podem ser potencializadas para viabilizar o aumento das habilidades sociais de seus participantes. Assim como, a utilização métodos avaliativos intragrupo para que se possa comparar o quanto a atividade tem contribuído para melhorar as habilidades dos seus participantes durante o tempo em que permanecerem no grupo.

Referências

- Bandeira, M., Rocha, S. S., Freitas, L. C., Del Prette, Z. A. P. y Del Prette, A. (2006). Habilidades sociais e variáveis sociodemográficas em estudantes de Ensino Fundamental. *Psicologia em Estudo*, 11(3), 541-549.
- Bleger, J. (1984). *Psico-higiene e Psicologia Institucional*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Braghrolli, E. M., Pereira, S. y Rizzon, L. A. (2003). *Temas de Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.
- Brito, T. A. (2001). *Koellreutter Educador: O Homem Como Objeto Da Educação Musical*. São Paulo: Peirópolis.
- Caballo, V. E. (2002). *Manual De Técnicas De Terapia E Modificação Do Comportamento*. São Paulo: Santos.
- Caballo, V. E. (2008). *Manual de Avaliação e Treinamento das Habilidades Sociais*. São Paulo: Santos.
- Câmara, S. G. (2008). Compromisso, participação, poder e fortalecimento comunitário: à procura de um lugar no mundo. En M. Dimenstein, (Dir.), *Psicologia Social Comunitária: Aportes Teóricos e Metodológicos: GT Psicologia Comunitária / Anpepp* (pp. 43-58). Natal: Editora da UFRN.
- Campos, R. H. F. (2005). Introdução: a psicologia social comunitária. En R. H. F., Campos (Dir.), *Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia* (10a ed., pp.9-15). Petrópolis: Vozes.
- Carnassale, G. J. (1995). *O Ensino de Canto Para Crianças e Adolescentes*. Dissertação de mestrado não-publicada, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Brasil.
- Del Prette, Z. A. P. y Del Prette, A. (2001). *Inventário de Habilidades Sociais (IHS-Del-Prette): Manual de Aplicação, Apuração e Interpretação*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Del Prette, Z. A. P. y Del Prette, A. (2005a). *Psicologia das Habilidades Sociais: Terapia, Educação e Trabalho* (4a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Del Prette, Z. A. P. y Del Prette, A. (2005b). *Psicologia das Habilidades Sociais na Infância: Teoria e Prática*. Petrópolis: Vozes.
- Ferreira, M. C. T. y Marturano, E. M. (2002). Ambiente familiar e os problemas de comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 35-44.
- Figueiredo, S. L. F. (1990). *O Ensaio Coral Como Momento de Aprendizagem: A Prática Coral Numa Perspectiva de Educação Musical*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Freitas, M. F. Q. (2005). Psicologia na Comunidade, Psicologia da Comunidade e Psicologia (Social) Comunitária: práticas da Psicologia em comunidades nas décadas de 60 a 90, no Brasil. En R. H. F. Campos (Dir.), *Psicologia Social Comunitária: Da Solidariedade À Autonomia* (10a ed., pp. 54-80). Petrópolis: Vozes.
- FucciAmato, R. C. (2007). O canto coral como prática sociocultural e educativomusical. *Revista Opus* 13, 13(1), 75-96.
- Galvão, A. (2006). Cognição, Emoção e Expertise Musical. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 169-174.
- Gerk, E. y Cunha, S. M. (2006). As habilidades sociais na adaptação de estudantes ao Ensino Superior. En M. Bandeira, Z. A. P. Del Prette y A. Del Prette ((Eds.), *Estudos Sobre Habilidades Sociais e Relacionamento Interpessoal* (pp. 181-198). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Gohn, M. G. M. (1999). *Educação Não-Formal e Cultura Política: Impactos Sobre o Associativismo Do Terceiro Setor*. São Paulo: Cortez.
- Gonçalves, E. S. y Murta, S. G. (2008). Avaliação dos efeitos de uma modalidade de treinamento de habilidades sociais para crianças. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 21 (3), 430-436.
- Grout, D. J. (2001). *A History of Western Music* (6a ed.). New York: W. W. Norton.
- Hatem, T. P., Lira, P. I. C. y Mattos, S. S. (2006). The therapeutic effects of music in children following cardiac surgery. *Jornal de Pediatria*, 82(3), 186-192.
- Ilari, B. (2006). Música, comportamento social e relações interpessoais. *Psicologia em Estudo*, 11 (1), 191-198.
- Jaeger, W. (1989). *Paideia: a Formação do Homem Grego* (2a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Kratochvil, R. (2003). *Desafinação Vocal – Sintoma da Desafinação do Indivíduo*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.
- Lane, S. T. M. (1991). O processo grupal. En S. T. Lane y W. Codo ((Eds.), *Psicologia Social: o homem em movimento* (9a ed., pp. 78-98). São Paulo: Editora Brasiliense.
- Lane, S. T. M. (2005). Histórico e fundamentos da Psicologia Comunitária no Brasil. En R. H. F. Campos (Ed.). *Psicologia Social Comunitária: da Solidariedade à Autonomia* (10a ed., pp.17-34). Petrópolis: Vozes.
- Marlatt, G.A. (1993). La prevención de recaídas en las conductas adictivas: Un enfoque de tratamiento cognitivo-conductual. En M. Casas y M. Gossop (comps.), *Recaída y prevención de recaídas*. Sitges: Ediciones en Neurociencias.
- Minayo, M. C. S. (2002). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (2a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Montero, M. (2003). *Teoria Y Práctica De La Psicología Comunitaria*. Buenos Aires: Paidós.
- Murta, S. G. (2005). Aplicações do treinamento em habilidades sociais: análise da produção nacional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 283-291.
- Neves, S. M. y Bernardes, N. M. G. (2001). Psicologia Social e comunidade. En M. G.C. Jacques, M. N. Strey, Bernardes, P. A. Guareschi, S. A. Carlos, y T. M. Fonseca, *Psicologia Social Contemporânea: Livro-Texto* (5a ed., pp. 241-255). Petrópolis: Vozes.
- Olabuenaga, J. I. R. y Ispizua, M. A. (1989). *La Descodificación De La Vida Cotidiana: Metodos De Investigacion Cualitativa*. Bilbao: Universidad de Deusto.
- Oliveira, V. G. (2003). *O Desenvolvimento Vocal Do Adolescente E Suas Implicações No Coro Juvenil “A Capella”*. Dissertação de Mestrado não-publicada, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
- Pavarino, M. G., Del Prette, A. y Dell Prette, Z. A. P. (2005). O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. *Psico*, 36 (2), 127-134.
- Pereira, E. y Vasconcelos, M. (2007). O processo de socialização no canto coral: um estudo sobre as dimensões pessoal, interpessoal e comunitária. *Música Hodie*, 7(1), 99-120.
- Rocha, T. F., Amaral, F. P. y Hanayama, E. M. (2007). Extensão vocal de idosos coralistas e não coralistas. *Revista CEFAC*, 9(2), 248-254.
- Romero, M. P. P. (2007). Una mirada a las interacciones y la construcción de las redes sociales de los jóvenes del sector rural. En E. Saforcada, N. Cervone, J. C. Sarriera, A. Lapalma y M. De Lellis, *Aportes de la Psicología Comunitaria a Problemáticas de la Actualidad Latinoamericana* (1a ed., pp.123-152). Buenos Aires: JVE Ediciones,.
- Rosa, N. S. S. (1990). *Educação Musical Para 1º a 4º Série*. São Paulo: Ática.
- Sacks, O. (2007). *Alucinações Musicais: Relatos Sobre a Música e o Cérebro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Scarpato, H. B. K. y Guareschi, N. M. F. (2007). Psicologia Social Comunitária e formação profissional. *Psicologia & Sociedade*, 19(2), 100-108.
- Segrin, C. y Flora, J. (2000). Poor social skills are a vulnerability factor in the development of psychosocial problems. *Human Communication Research*, 26(3), 489-514.
- Sekeff, M. L. (2007). *Da música, seus usos e recursos* (2a ed.). São Paulo: Editora Unesp.